

São Paulo, 09 de agosto de 2024.

O cristianismo de volta à cena

O Brasil precisa que a igreja retome a influência que é sua por direito

O debate público brasileiro nos dias de hoje nem sequer pode ser considerado debate público, é apenas um conjunto de poses e jargões importados sem qualquer significado profundo ou relação com a realidade.

Não existe linguagem ou mesmo uma ideia prática em circulação na cultura brasileira, que seja capaz de orientar fundamentalmente uma mudança política no país, o que temos é insatisfação generalizada totalmente desprovida de coordenação ou ordem.

A insatisfação se não for canalizada numa agenda, pode até contribuir para a manutenção do status quo, ou no máximo erguer alguns totens — alguns hábitos, consensos e até lideranças temporárias.

A falta de ordem intelectual é tamanha, que qualquer sujeitinho que receba alguma atenção previsivelmente fará uma dessas duas coisas: se a atenção que recebeu é local, ele candidata-se — caso a sua atenção seja virtual ele vende um curso. Para realmente gerar mudanças profundas no tecido social e na política nacional é preciso admitir que o trabalho precisa começar — surpreendente, pelo começo. Os que se dizem conservadores deveriam estar discutindo qual seria o modelo conservador de constituição adequada para a realidade do Brasil, quais instituições foram realmente provadas e aprovadas pelo tempo, como a nossa tradição histórica será representada e respeitada na realidade política, como restaurar a identidade nacional.

E os que não tem conhecimento para tal empreendimento, deveriam silenciosamente se preparar para esses debates.

O Brasil também tem problemas práticos para serem resolvidos, como direcionamento do orçamento, universalização do saneamento e criação de um ambiente de negócios.

Mas sem dúvida, um movimento político só manterá o seu fôlego a longo prazo, caso se desdobre entre atuar politicamente na dimensão prática enquanto sustenta o debate intelectual que deixará marcas mais profundas na sociedade.

O que quero dizer é que precisamos de uma mudança de postura se quisermos ver a prosperidade de um movimento político que defenda os interesses nacionais e defenda os valores cristão, não segundo a norma do Estado que reprime "radicalismos religiosos".

Os liberais pretensamente defendendo o Estado Laico, advogam que o cristianismo tem espaço no debate público, desde que não seja o cristianismo radical.

Entenda, essa sentença quer dizer: "vocês podem ser cristão, desde que ninguém se sinta ofendido e vocês não possam defender que a sua religião é a verdade".

Numa inversão psicótica, no Brasil se compreende "radicalismo" como uma espécie de extremismo revolucionário, quando a palavra radical vem etimologicamente de "raiz", ou seja, não ser radical é estar disposto a não ter raízes, se adaptar aos valores da sociedade aberta e não advogar que a sua crença ou fé uma verdade absoluta.

Caso os cristãos brasileiros estejam realmente insatisfeitos com a falta de liberdade para professar publicamente a sua fé, produzir, constituir família e também com a insegurança reinante fruto de uma relação

entre agentes políticos e traficantes de entorpecentes — devem se empenhar em pensar no Brasil e pensar o Brasil para a geração futura, o cristianismo precisa chegar ao poder.

Quando digo que os cristãos precisam chegar ao poder, refiro-me a retomar a influência social e política que gozada a quarenta anos atrás, onde nenhum político ousaria utilizar de instituições públicas para perseguir o clero ou mesmo o discurso religioso que desavergonhadamente hoje perseguem.